

CHÁ *VERSUS* TÉ, UM PERCURSO HISTÓRICO NO PB¹

Camila Antônio BARROS²
Matheus Saez Magalhães e SILVA³

Resumo: Essa pesquisa tem como tema o percurso da palavra “chá” no Português Brasileiro, tendo como objetivo analisá-la em comparação com o percurso da palavra “té” e investigar sua mudança semântica (“widening” ou “broadening”) do lexema, que engloba infusões e tisanas. A partir do referencial teórico e metodológico de Durkin (2006) e Campbell e Mixco (2007) foi possível aplicar duas metodologias: busca em dicionários de língua portuguesa e espanhola pelos lexemas “chá” e “té”, respectivamente, e pesquisa em livros de herbologia e receitas do português, francês e latim. Os resultados apontam para a previsão das palavras té e chá em dicionários até o século XX, mas com uso restrito nos textos especializados, referindo-se primeiramente só à bebida, depois à erva *Camellia sinensis* e, desde o fim do XIX, a infusões em geral. A conclusão é que tanto “chá” quanto “té” possuem percursos iniciais similares: em um primeiro momento, os lexemas se referiram à bebida de *Camellia sinensis*, depois apenas à erva. No entanto, apenas “chá” sofreu um “widening” semântico o que possibilita seu uso para tisanas e infusões, enquanto o espanhol diferencia entre os três tipos de bebidas quentes. É importante apontar a imprecisão da definição do termo por parte dos dicionários, que dificulta o debate sobre a história do lexema.

Palavras-chave: etimologia; chá; té; mudança semântica.

Abstract: The theme of this research is the word “chá” in Brazilian Portuguese and has as goal to analyse its path in comparison to the word “té” investigating the semantic change (widening or broadening) of lexem, which comprise infusions and tisane. Starting from the theoretical and methodological reference of Durkin (2006) and Campbell (2007) it was possible to apply the two methodologies: research in Portuguese and Spanish dictionaries for the lexemes “chá” and “té”, respectively, and research in Portuguese, French and Latin herbology books and cookbooks. The results point out to the foreseeing of the both “té” and “chá” in dictionaries until the 20th century, but with restrict use in specialized books, referring at first only to the hot drink, then to *Camellia sinensis* and, since the end of the 19th century, to infusions in general. The conclusion is both “chá” and “té” suffered similar initial paths: at first it referred only to *Camellia sinensis*’ hot drink, then only the herb. But only “chá” has suffered semantic widening which makes it possible to use it to refer to tea, tisanes and infusions, while Spanish still differentiate between the three types of hot drinks. It is important to point that the imprecise definition of the term challenges the studies concerning the lexem.

Keywords: etymology; *chá*; *té*; semantic change.

¹ Agradecemos à professora Aléxia Teles pela disciplina "Linguística Histórica" ministrada na Faculdade de Letras/UFMG em 2018 que motivou esse artigo, bem como pela leitura prévia da versão inicial deste trabalho.

² Graduanda em Letras/Linguística na UFMG. Atualmente é membro do grupo de pesquisa inCognito e faz Iniciação Científica Pibic/CNPq pelo Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL/UFMG). E-mail: mila.ab98@gmail.com

³ Graduando em Letras: bacharelado em análise e descrição linguística pela UFMG. E-mail: matheusaez.ms@gmail.com

Introdução

A pesquisa desenvolvida tem por objetivo compreender o percurso histórico do lexema “chá” no Português Brasileiro (doravante PB), em especial, seu uso generalizado para infusão e tisana. Para isso usamos como arcabouço teórico a definição de Campbell e Mixco (2007) sobre mudança semântica e a metodologia proposta em Durkin (2009), estando essa pesquisa enquadrada no campo da Linguística Histórica, em particular da etimologia. Podemos chamar de ponto de partida o estudo de Dahl (2013) que aponta os lexemas “cha” e “thee” como duas possibilidades da realização linguística para a bebida feita a partir da planta *Camellia sinensis*. O produto originário do sudoeste asiático foi exportado a outros continentes por volta do século XVI por comerciantes portugueses e holandeses. Os primeiros exportaram a partir de Macau e usaram para isso a palavra cantonesa “cha” que deu origem ao lexema do PB “chá”. Já os holandeses comercializaram a erva a partir de Xiamen, onde se fala o chinês Min Nan (ou Chaozhou). Nesse idioma a bebida leva o nome de “thee”, expandido pelos holandeses em grande parte da Europa.

O hábito de se beber chá foi, então, expandido para o Ocidente e associado com seus benefícios para a saúde. O momento em que as infusões, bebida feita colocando ervas diferentes de *Camellia sinensis* na água quente, e tisanas, misturas de ervas sem cafeína feitas com o mesmo processo, se popularizaram e passaram a ser chamadas de uma forma geral de “chá”, ainda que isso não seja correto em um ponto de vista de especialistas (DUBRIN, 2010). Essa diferenciação pode aparecer na língua, como é o caso da língua espanhola que explicita se a bebida se trata de um chá, tisana ou infusão (em espanhol respectivamente, *té*, *tisana* e *infusión*). No PB, por outro lado, esse tipo de diferenciação não ocorre normalmente, o que pode ser atestado observando rótulos comerciais, os quais apontam todos os tipos de infusão como “chá” ou “chá misto”. Sendo assim, propomos nesse estudo observar como o lexema se apresentou no PB, a partir de dicionários e livros, e como foi expandido para quaisquer bebidas quentes e frias feitas a partir de ervas colocadas em água quente em comparação com o processo ocorrido no espanhol.

A pesquisa indica que a origem do termo é apontada de maneira difusa tanto por dicionários quanto por livros especializados, indo contra as origens apontadas por Dahl (2013), se levados em conta a origem etimológica apontada nos livros especializados. Estas não são, porém, fontes etimológicas confiáveis uma vez que não apontam suas fontes para afirmarem a origem da palavra. Especificamente no percurso do lexema no PB, as fontes são relativamente recentes datando de até 300 anos, período em que a bebida provavelmente já estava incluída nos hábitos ocidentais. Isso significa que a técnica e a *Camellia sinensis* já faziam parte do cotidiano dos falantes e, por isso, justifica seu uso para além da bebida da *Camellia sinensis*, uso que até hoje continua corrente no PB.

Fundamentação teórica

A pesquisa etimológica tem como objetivo entender a história das palavras, tentando traçar sua história, mudanças em sua forma e significado, além de tentar entender como se dá o empréstimo, as relações genéticas entre as línguas, seus cognatos, fazer reconstruções comparativas e tenta estabelecer quais mudanças sonoras ocorreram. Enfocando na mudança de significado, é preciso entender as relações entre os diferentes significados de uma palavra, entre diferentes palavras e seus significados e a relação entre o significado linguístico e cultural com a história extralinguística (DURKIN, 2009).

Com isso, precisamos entender o caso do lexema chá como parte de sua história extralinguística. Esta se relaciona intimamente com o contato Ocidente-Oriente que foi intensificado com as grandes navegações e possibilitou a exportação do produto para a Europa. Dubrin (2010) aponta que a bebida foi descoberta e levada para a Europa pelo Padre Jasper de Cruz que estava em uma missão na China no ano de 1560. O comércio em larga escala do produto foi realizado pelos holandeses, os quais o exportaram para a Holanda por volta de 1610, chegando até o Novo Mundo na metade do século XVII. É importante apontar aqui que “chá”, em sua definição especializada, é a bebida feita a partir da infusão das folhas da planta *Camellia sinensis* em água quente e são as folhas dessa planta que serão produto de exportação.

Se olharmos para os termos em português e em holandês (abreviado como HL) para a bebida, temos uma grande diferença: em PB, “chá”, e em HL, “thee”. Dahl (2013) credits essa diferença ao fato que os holandeses exportaram a planta a partir de Xiamen, onde se fala o chinês Min Nan que nomeia a bebida de “te55” (sic), enquanto os portugueses a exportaram a partir de Macau, onde se fala cantonês e dá o nome para a bebida de “cha”. Esse fato histórico causou, segundo o autor, uma diferença tipologicamente interessante, na qual o nome da bebida derivou do termo usado pelo exportador, quando o destino da exportação não conhecia a bebida. Sendo assim, países com influência holandesa, como África do Sul, carregaram o termo “thee”. Essa influência pode ser ainda indireta, em que um país recebia a bebida dos holandeses e a repassava, como é o caso dos ingleses, que usam o termo “tea” derivado do holandês e expandiram para suas colônias. Em lugares de influência portuguesa ou que recebiam o produto por terra (e, portanto, sem interferência holandesa), como os países do Leste Europeu ficaram com o termo “chá”. Há ainda lugares e culturas que cultivam a planta ou já dominavam o processo de infusão de folhas e, então, não emprestaram o termo, mas sim expandiram o termo próprio da língua para a nova bebida.

Esse processo de expansão do termo para englobar mais sentidos é classificado por Campbell e Mixco (2007) como *widening*, um tipo de mudança semântica em que a gama de significados e contextos em que a palavra pode ser usada é maior do que antes da mudança. Os autores usam o exemplo da palavra “dogge”, do Middle English, que se referia a uma raça específica de cachorro e se expandiu para qualquer raça de cachorro na forma “dog”.

Durkin (2009) chama esse tipo de mudança de *broadening* e aponta que a mudança é sempre gradual e abarca um período de polissemia em que uma mesma palavra pode ter tanto um sentido mais restrito quanto um mais amplo antes de mudar categoricamente de significado. Em outras palavras, há em um primeiro momento uma palavra com um significado A que passa a ter os significados A e B concomitantemente e depois passa a ter o significado exclusivo de B. No caso de um processo de *widening* ou *broadening*, B inclui A. O autor cita a palavra alemã *Limonade* (PB: limonada), emprestada do francês no século XVII, que foi perdendo a restrição de ser exclusivamente uma bebida feita de limão para ser um nome para *soft drinks* (uma bebida doce não-alcóolica). Essa restrição foi perdida no século XIX e *Limonade* foi dissociada do significado de bebida de limão a tal ponto de ser especificada no alemão como *Orangenlimonade* (*Orangen* – laranja) e *Zitronenlimonade* (*Zitrone* – limão).

Especificamente no percurso da palavra “chá”, é plausível pensar que, uma vez que a bebida nem a técnica eram parte da cultura ocidental, o termo “chá” chegou aos países lusófonos já como um termo mais amplo que incluía a técnica e a bebida, englobando assim tisanas e infusões com outras ervas. Com isso, a palavra “chá” teria perdido sua restrição de ser unicamente a bebida quente proveniente da infusão da *Camellia sinensis* para ser usada de maneira geral para outras infusões, dado o fato do

método de infusão ser desconhecido para a cultura falante de português. Isso se fundamenta no fato que Peckold (1871-1878), Doceiro... (1895) e Vasconcellos (1905) apontam para a bebida como um produto da China ou Japão, sem itens semelhantes na cultura brasileira, no máximo comparável com o chocolate e o café, que também são bebidas quentes provenientes do Novo Mundo. Dada essa novidade tecnológica, o mesmo processo deveria ocorrer para o termo “té”, o qual serviria para infusões e tisanas. Porém isso não ocorre no uso corrente do espanhol.

Durkin (2009) dá uma espécie de consolo para esse tipo de dificuldade, apontando que as mudanças semânticas são pouco sistemáticas e muito mais sujeitas a uma grande gama de motivações se comparadas com mudanças fonéticas. Isso torna o estudo desse processo linguístico tão limitado quanto ao acesso que se tem às circunstâncias culturais da época. Por isso, tentou-se descobrir esse contexto cultural a partir de livros especializados da época que poderiam fornecer pistas dos usos do lexema “chá”.

Na Figura 1, retirada de Dahl (2013), temos a distribuição do lexema: as bolas pretas indicam as 109 línguas que possuem palavras derivadas de “cha”, as brancas indicam as 87 línguas com palavras derivadas de “thee” e os quadrados amarelos as 34 línguas que o nome da bebida vem de outras origens.

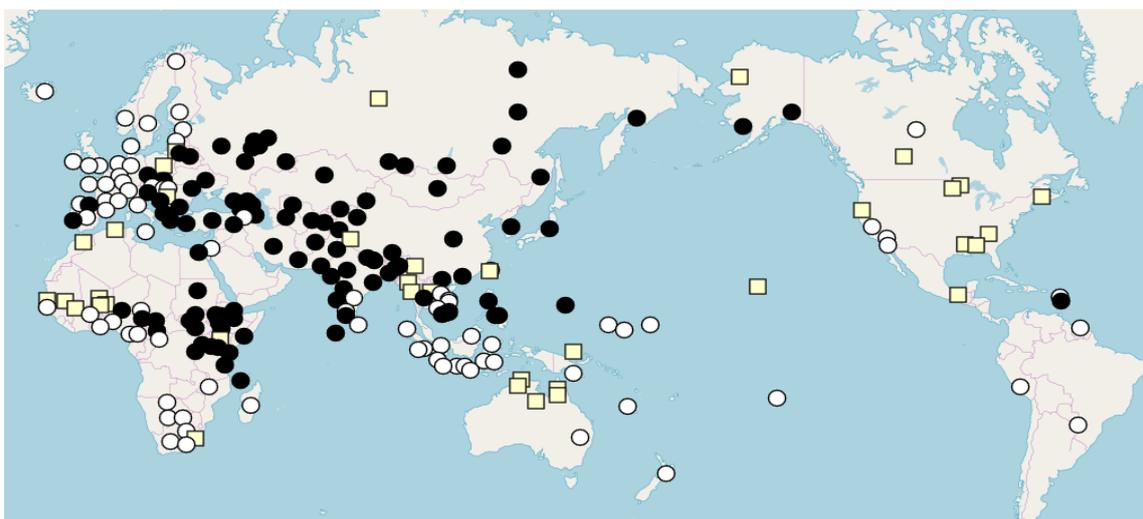


Figura 1: Mapa da distribuição das palavras cognatas a “chá” (DAHL, 2013)

Metodologia

A pesquisa foi realizada em duas etapas: em um primeiro momento fizemos uma busca em dicionários etimológicos de português e espanhol para averiguar se o percurso apontado por Dahl (2013) se verifica de fato, uma vez que as duas línguas utilizam termos de origens diferentes para designar a bebida: o espanhol usa o termo do chinês Min Nan, “té”, e o português usa o termo cantonês, “chá”. Na sequência, buscamos em livros que datam de diferentes épocas após a introdução do produto, ou seja, a partir de 1560, procurando determinar quando o termo “chá” passou a designar diferentes tipos de infusões e não apenas aquelas feitas com *Camellia sinensis*.

Busca em dicionários

Os verbetes “té” e “chá” foram consultados nos dicionários disponíveis no Novo Tesouro Lexicográfico de Língua Espanhola (NTLLE) e outros dicionários aos quais tivemos acesso *online* (os *links* dos dicionários estão citados nas referências). A pesquisa

se centrou em dicionários do espanhol e do português europeu, pois o termo não teria aparecido em dicionários da variante brasileira, pouco estudada na época. A especificidade do percurso do lexema no PB será explicada a partir dos livros de receita que são de produção brasileira.

A discrepância entre o número de dicionários de português e de espanhol se deve ao acesso restrito a dicionários do português, que não se encontram disponíveis *online* na mesma proporção que os de espanhol. Os volumes consultados estão organizados em ordem crescente de ano, primeiro com o verbete “chá” depois com o verbete “té”. Em itálico estão os lexemas presentes no dicionário:

Tabela 1: Dicionários de português

Dicionário – Português	Verbete “chá” / “té”
Vocabulário Português (BLUTEAU, 1712)	<i>Cha</i> , <i>chà</i> ou <i>Tehâ</i> como bebida de origem japonesa que também é consumida na China <i>Châ</i> como jp. E <i>The</i> ch.

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2: Dicionários de espanhol

Dicionários – Espanhol	Verbete “chá” / “té”
DRAE (HERNANDO, 1884)	Do port. <i>cha</i> , e este do chinês <i>te</i> .
Academia Usual (NTLLE, 1780)	<i>Té</i> um produto da Nova Espanha.
Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana [...] (PANDO, 1786)	<i>Chá</i> , ou segundo outros <i>cháa</i> , espécie de <i>té</i> usado no Japão. Alguns chamam flor do <i>té</i> .
Biblioteca Ilustrada de Gaspar y Roig. Diccionario enciclopédico de la lengua española, con todas las voces, frases, refranes y locuciones usadas en España y las Américas Españolas [...] (ROIG, 1853)	<i>Chá</i> , nome dado ao <i>té</i> na Nova Espanha.
ACADEMIA USUAL (NTLLE, 1884)	Nome genérico que dão os chineses ao <i>té</i> , essa denominação se conservou nas Filipinas e alguns países da América espanhola.
Diccionario general y técnico hispano-americano (CARRASCO, 1918)	Na China, Filipinas, Portugal, Inglaterra e alguns pontos da América, <i>té</i> .
ACADEMIA USUAL (NTLLE, 1999)	Do chinês mandarim pelo português <i>chá</i> ,

	<i>té</i>
Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana [...] (PANDO, 1788)	<i>Té</i> . Fr. <i>Thé</i> . Lat. <i>Theus</i> , <i>arbor thea</i> . É uma árvore pequena, usada na China e Japão.
GASPAR Y ROIG (NTLLE, 1955)	<i>Té</i> é a folha do arbusto desse nome, a bebida que se faz dessa folha.
ACADEMIA USUAL (NTLLE, 1992)	<i>Té</i> do chinês <i>tscha</i> , pronunciado em certas províncias <i>te</i> .

Fonte: Elaboração própria

A busca em dicionários aponta para o empréstimo dos lexemas “cha”, “chá”, “châ”, “têha” e “the” para o português europeu. Já os dicionários de espanhol apontam para “cha”, “chá”, “cháa”, “te”, “té”, e “thea”. Assim podemos preliminarmente encontrar um paralelismo entre os empréstimos que aconteceram para o espanhol e português, indicando que, apesar das exportações do produto terem sido feitas por holandeses e português a partir de pontos diferentes, houve algum contato entre os dois grupos que propiciou que tanto o termo cantonês, “cha”, quanto o Min Nan, “te55” (sic), chegassem a mesma língua.

Pesquisa em livros

A pesquisa em material especializado foi realizada utilizando os livros disponibilizados na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Inicialmente foi realizada uma busca por livros de receita, tendo em mente que esses teriam uma seção sobre bebidas quentes, mas isso se mostrou ineficaz, já que apenas quatro títulos continham algum tópico sobre chá. Esses estão listados juntamente com a pesquisa feita na sequência, procurando o acervo especificamente com o termo “chá” e, por ter dado muitos (mais de 1000) resultados distribuídos entre 1558 e 2017, realizou-se uma triagem levando em conta títulos que falavam sobre as descobertas das Grandes Navegações no Oriente e sobre herbáceas. Selecionamos então três títulos principalmente dos séculos XVI, XVII e XVIII, já que havia material dos séculos seguintes. Não foi selecionado nenhum título em língua espanhola, pois não foi encontrado. Para tentar contornar esse problema, selecionou-se livros em francês, que também é apontado por Dahl (2013) como tendo emprestado o lexema “thé” do Min Nan, e em latim, que poderia ter tanto o termo cantonês quanto o Min Nan (não especificado por Dahl (2013)). Como nas tabelas 1 e 2, os lexemas em itálico estão como se encontram nos livros consultados:

Tabela 3: Livros consultados

Livro	Verbetes “chá”	Referente do lexema
Cozinheiro dos cozinheiros (VASCONCELLOS, 1905)	Receita de uma tisana de chá verde e preto com limão.	<i>Chá</i> refere-se à erva.
Doceiro nacional	Receitas diversas de tisanas e	<i>Chá</i> refere-se à erva

(DOCEIRO..., 1895)	com leite, incluindo o mate.	com cafeína e efeitos medicinais.
Historia das plantas alimentares e de gozo do Brasil (PECKOLT, 1871-1878)	<i>Chá</i> como uma das bebidas de plantas com cafeína que se expandiram pelo mundo - Proveniente da Ásia	<i>Chá</i> refere-se à bebida
Traité des aliments (LEMERY, 1705)	<i>Thé</i> como bebida chinesa saudável, principalmente comparada ao café, de ótimas propriedades. O <i>Chá ou Tchaa</i> seria uma versão japonesa do <i>Thé</i> chinês. Infusões sem <i>thé</i> são citadas como tão saudáveis mas não tão saborosas quanto as de <i>thé</i>	<i>Thé</i> refere-se à bebida e à erva.
Voyage dans l'intérieur de la Chine (BUISSON, 1804)	Nada muito específico apenas fala de <i>thé</i> como uma bebida muito presente na China. Fala-se de um <i>thé</i> especialmente consumido em Yu-Nan que com um líquido glutinoso se fazem bolas que conservam o sabor e perfume das folhas.	<i>Thé</i> refere-se à bebida
Conciderações [sic] candidas e imparciaes sobre a natureza do Commercio do Assucar (SILVA, 1800)	Menciona <i>chá</i> como artigo de luxo, mas não especifica o que é e nem como é preparado.	
Tractatvs novi de potv caphe; de chinensivm the; et de chocolata (DUFOUR, 1685)	Fala em <i>Thé, Chá e Tchia</i> como bebidas asiáticas. <i>Thé</i> seria o nome chinês vindo de kiangnon, cidade Hæicheu. <i>Chá e Tchia</i> seriam as formas japonesa e hindi para chamar a bebida.	<i>Chá</i> refere-se à bebida

Fonte: Elaboração própria

Os livros de receita apontam para o termo “chá” no português (PECKOLT, 1871-1878; DOCEIRO..., 1895; VASCONCELLOS, 1905) indicando que a palavra cantonesa serviu como empréstimo, de maneira a englobar tisanas e infusões em um período em que a bebida já devia estar arraigada nos hábitos (século XIX em diante). Nos livros em francês (LEMERY, 1705; BUISSON, 1804), os termos “thé”, “chá” e “thcaa” são apontados como termos para se referirem tanto à bebida quanto à erva, sendo apontada a diferença entre a bebida com *Camellia sinensis* e infusões, o que faz sentido já que os livros são mais antigos que os livros lusófonos que dão mais detalhes da bebida. Isso foi afirmado desconsiderando Silva (1800), uma vez que o livro é muito sucinto para se referir à bebida. No caso do livro em latim (DUFOUR, 1685), apontam-se os termos

“thé”, “chá” e “tchia” para descrever a bebida quente proveniente do Oriente, sem especificar seu preparo.

Análise de dados e considerações

“Chá” e “té” constituem uma questão mal explicada pelos europeus que entram em contato com o produto. As origens e diferenças entre “chá” e “té” se tornam confusas, sendo os termos cambiáveis entre si, o que pode indicar também uma possível diferença nos modos de exportação do produto.

Pela perspectiva dos dicionários, ambos os termos “chá” e “té” e suas variantes “cha”, “chá”, “cháa”, “te”, “têha” e “the” são previstos ou pelo menos citados em seis dos onze dicionários procurados, o que indica uma certa incerteza na definição e menção do termo. Isso indica que o empréstimo se deu de uma forma mais complexa que a apontada por Dahl (2013), sendo que os termos do Min Nan e do cantonês parecem ter concorrido na época de seu empréstimo. Além disso, os livros especializados apontam a origem do termo de maneira muito difusa e apontam sem qualquer justificativa consistente a origem dos termos, tornando difícil estabelecer essa correlação de origem de maneira segura.

Na perspectiva dos textos especializados, é possível observar que o termo “chá” foi adotado pelo português, “thé” no francês e ambos os termos são possíveis no latim e, unindo o uso os três é possível enxergar um percurso em que “chá” ou “té”, com as variações possíveis de “thcaa” e “tchia”, indicavam a bebida em um primeiro momento, depois passaram a mencionar a planta *Camellia sinensis* sendo então expandido para tisanas e infusões em geral. Isso corrobora a hipótese que o termo englobou tanto a técnica quanto a bebida e suas variações, visto que não havia um cognato no país, significando em termos linguísticos em um processo de *broadening* ou *widening*, de acordo com Durkin (2009) e Campbell e Mixco (2007), uma vez que o termo inicial incluía apenas a bebida e passou a ser usada de maneira mais ampla. Para explicar porque a diferença não acontece para o termo “té” em espanhol, faz-se necessário olhar para como livros especializados em espanhol tratam o tema.

Dada a imprecisão terminológica para a definição do termo, é preciso procurar sobre como tisanas e infusões são nomeadas em chinês Min Nan e em cantonês para precisar melhor o desenvolvimento do termo e se de fato ocorre uma mudança semântica ou se o termo sempre foi usado de maneira ampla. Além disso, seria interessante replicar a pesquisa para o idioma holandês, comparando o percurso da palavra.

Referências

ACADEMIA USUAL ESPASA-CALPE. Cha. In: ESPASA-CALPE. **Diccionario de la lengua española**. 21. ed. Madrid: Real Academia Española, 1992. p. 446. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ACADEMIA USUAL ESPASA-CALPE. Te. In: ESPASA-CALPE. **Diccionario de la lengua española**. 21. ed. Madrid: Real Academia Española, 1992. p. 1382. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/ntlle/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez e latino**: Letras B-C. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. p. 264-265. 2 v. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5439>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BUISSON, Chez F. (Ed.). **Voyage dans l'intérieur de la Chine, et en Tartarie, fait dans les années 1792, 1793 et 1794, Georges Staunton**. 3. ed. Paris, 1804. p. 18, 93, 97,

105, 143, 285. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7624>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

CAMPBELL, Lyle; MIXCO, Mauricio J.. Widening. In: _____. **A glossary of historical linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007. p. 222.

CARRASCO, Manuel Rodríguez Navas y. Cha. In: CARRASCO, Manuel Rodríguez Navas y. **Diccionario general y técnico hispano-americano**. Madrid: Cultura Hispanoamericana, 1918. p. 517. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0.>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

DAHL, Östen. Tea. In: DRYER, Matthew; HASPELMATH, Martin (Ed.). **The World Atlas of Language Structures Online: The World Atlas of Language Structures Online**. Leibizig: Max Planck Institute For Evolutionary Anthropology, 2013. Cap. 138. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/138>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DOCEIRO nacional ou arte de fazer toda a qualidade de doces. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1895. p. 303-307. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3821>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DUBRIN, Beverly. The world of tea. In: _____. **Tea culture**. Watertown: Charlesbridge Publishing, 2010. p. 8-68.

DUFOUR, Philippe Sylvestre. **Tractatvs novi de potv caphe; de chinensivm the; et de chocolata**. Paris: Apud Petrum Muguet, 1685. P. 101-140. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3867>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DURKIN, Philip. Semantic change. In: _____. **The Oxford guide to etymology**. New York: Oxford University Press, 2009. Cap. 8. p. 222-265.

HERNANDO, D. Gregorio. Cha. In: _____. **Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española**. Madrid: Real Academia Española, 1884. p. 325. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0.>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

IBARRA, Joaquín. Cha. In: _____. **Diccionario de la lengua castellana compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su más fácil uso**. Madrid: Real Academia Espanhola, 1780. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/ntlle/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LEMERY, Louis. **Traité des aliments**. Paris: Chez Pierre Witte, 1705. p. 542-544. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3820>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

NTLLE. **Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua espanõla**. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0.>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PANDO, Esteban de Terreros y. Cha. In: _____. **Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana [...]. Tomo primero**. Madrid: Esteban de Terreros y Pando, 1786. p. 407. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0.>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PANDO, Esteban de Terreros y. Te. In: _____. **Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana [...]. Tomo II**. Madrid: Esteban de Terreros y Pando, 1788. p. 593. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/ntlle/>>. Acesso em: 20 jun. 2018

PECKOLT, Theodore. **Historia das plantas alimentares e de gozo do Brasil**. Rio de Janeiro: em Casa dos Editores Proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert, 1871-1878. p. 97-99. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3904>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

- ROIG, Gaspar y. Cha. In: _____. **Biblioteca Ilustrada de Gaspar y Roig. Diccionario enciclopédico de la lengua española, con todas las voces, frases, refranes y locuciones usadas en España y las Américas Españolas [...] Tomo I.** Madrid: Gaspar y Roig, 1853. p. 696. Disponível em: <[http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0.0.](http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtllle?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0.)>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- ROIG, Gaspar y. Té. In: _____. **Biblioteca Ilustrada de Gaspar y Roig. Diccionario enciclopédico de la lengua española, con todas las voces, frases, refranes y locuciones usadas en España y las Américas Españolas [...] Tomo I.** Madrid: Gaspar y Roig, 1855. p. 1173. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/ntlle/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- SILVA, Antônio Carlos Ribeiro Machado de Andrade e. **Conciderações [sic] candidas e imparciaes sobre a natureza do Commercio do Assucar; e importancia comparativa das ilhas britannicas, e francezas das Indias Occidentaes, nas quaes se estabelece o valor e consequencias das Ilhas de Santa Luzia, e Granada.** Lisboa: na Offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800. p. 205-206. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5345>>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- VASCONCELLOS, A. A. Teixeira de et al (Comp.). **O cozinheiro dos cozinheiros.** Lisboa: P. Plantier-editor, 1905. p. 582. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3823>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

*Submetido em 20 de agosto de 2018.
Aprovado em 22 de novembro de 2018.*